

Walter Gomes

Para iniciar esta conversa semanal, é conveniente lembrar uma das mais contundentes afirmativas do filósofo e analista político marselhês Jean-François Revel. Escreveu ele no primeiro capítulo do livro *La connaissance inutile*: "A primeira de todas as forças que movem o mundo é a mentira".

Não se trata da peta utilizada no convívio social para explicar ausências, esquecimentos e atrasos. É, sim, a burla como instrumento premeditado e maldoso de enganar o próximo.

Exatamente como agem as elites brasileiras, no exercício do poder que lhes foi conferido pela riqueza ou pelo mandato político. Às vezes, pelos dois juntos.

A História do Brasil, da época colonial aos decantados tempos da **modernidade**, está cheia de exemplos. Os poderosos têm exercitado seu poderio representativo contra os segmentos humildes da sociedade. Em nome da opressão, usam, até, a pregação evangélica, no sentido mais negativo do conformismo. Aos pobres que aceitarem as injunções é oferecido o reino dos céus.

Soa como blasfêmia o grito da opressão, repercutindo uma nebulosa passagem bíblica muito difundida nos pulpitos comprometidos com a classe dirigente.

Os políticos são feitos à imagem e semelhança do povo que representam. Encarna cada um deles, por conseguinte, sentimentos, perplexidades e ambições de grupos e de classes. Se neles identifica-se a sensibilidade para controlar distorções e amaciar vilipêndios contra a população desprotegida, o mesmo não se pode dizer com referência aos que dominam a economia.

É da formação do empresariado brasileiro o compromisso com a ganância desenfreada. Aí estão, para serem vistos e condenados, os monopólios e os cartéis. O capitalismo nacional, selvagem pela própria natureza dos seus executores, está a serviço da injustiça

social. Só o acúmulo da riqueza lhe interessa, daí a marca registrada no currículo da grande maioria dos empresários: maus patrões. Além, é claro, da pecha de sócios do erário, quando se trata de recolhimento de impostos.

Faz parte da estrutura democrática de um país a livre iniciativa. Entre nós, entretanto, há uma deformação desse conceito. Os empresários reivindicam todos os direitos, porém sempre se esquecem dos deveres. O egocentrismo dessa gente chega ao desvario.

Nestes momentos difíceis do Brasil, o comportamento da minoria privilegiada é uma afronta aos miseráveis e aos pobres. Também, à classe média, que se proletariza, com o achatamento salarial e, pior, com o desemprego, um perigoso coadjuvante da crise no País.

Todos estão sofrendo os efeitos da dolorosa mas necessária, convenha-se, política econômica do ministro Marcílio Marques Moreira. Os empresários, todavia, não aceitam o ônus que lhes cabe. Posicionam-se como casta que não deve ser atingida por esse acidente de percurso, antes anunciado por que previsível.

Como os balanços de suas empresas não satisfazem as perspectivas dos lucros planejados, apesar de consideráveis ainda, querem reformular o projeto rígido executado pela equipe econômica. O **povão**, mesmo sufocado, aguarda, com ansiedade, a mudança do cenário. Espera, pacientemente, mas incrédulo, a reversão do seu crescente empobrecimento.

Já as grandes entidades do patronato, conhecidas pelo conservadorismo de suas lideranças, querem uma revisão imediata dos propósitos de Marcílio. Contam, nessa empreitada, com políticos por elas financiados para conseguir o intento ou, então, desestabilizar o ministro da Economia. Ludibrium no atacado e no varejo.

Na verdade, querem é ganhar mais. Esse é seu cruel compromisso.